

## **Sebastião Amâncio da Costa**

**Audiência – 1001605-06.2017.4.01.3200 –  
04.02.2022 – 18h10**

**[...] Sebastião Amâncio** <sup>(1)</sup>: Eu queria declarar o seguinte, eu me vi abruptamente convocado como testemunha de uma ação que eu não tenho conhecimento nenhum, eu não fui consultado sobre meu testemunho sobre isso, eu não li sobre isso e eu quero saber se eu sou obrigado a falar a cerca do testemunho? [...] porque me surpreende que a FUNAI é uma instituição tutelar dos índios e eu vendo agora a FUNAI como ré de uma ação dos índios contra ela eu estou surpreso com isso. [...] É uma situação difícil porque eu sou um funcionário da FUNAI aposentado e eu me sinto desleal à FUNAI sendo uma testemunha contra este órgão [...] Eu só vou testemunhar se for obrigado, se não for eu prefiro não testemunhar.

**Juíza Raffaella** <sup>(2)</sup>: Entendi, então senhor Sebastião, como o senhor não está se sentindo confortável, eu vou ouvir o senhor apenas como informante no processo, está certo? Já que o senhor falou que tem esse vínculo com a FUNAI, que o senhor não se sente à vontade então vou ouvir o senhor só como informante no processo, eu não vou compromissar o senhor com o compromisso de dizer a verdade, não vou compromissar o senhor...

**Sebastião Amâncio**: Porque minha última função na FUNAI quando na ativa ainda eu era assessor do Presidente e esse benefício foi incorporado à minha aposentadoria. Quer dizer que eu ainda estou sob a

---

<sup>1</sup> Sebastião Amâncio da Costa. (Hiram Reis)

<sup>2</sup> Raffaella Cássia de Sousa. (Hiram Reis)

assessoria do Presidente da FUNAI que na época era o Senador Romero Jucá.

**Juíza Raffaella:** Ok, mas eu não vou ouvir o senhor então como testemunha seu Sebastião, vou ouvir o senhor como informante [...]

**Dr. Fernando** <sup>(3)</sup>: Excelência, o senhor Sebastião foi funcionário da FUNAI, né? Esse vínculo dele com a FUNAI... [...] aposentado, né? Eu não acredito que ser funcionário de um órgão, né, acarrete qualquer tipo de indisponibilidade de prestar o juramento de falar a verdade e de ser ouvido como testemunha, então vou deixar aqui já esta pontuação para fins de releitura, né, desta decisão, né, não sei se a senhora vai manter esta decisão de ouvi-lo como informante eu peço que ele seja ouvido mesmo como testemunha considerando que ser funcionário ou aposentado de um órgão não traz nenhum tipo de relação de intimidade ou de amizade enfim que o impeça de ser ouvido assim.

**Sebastião Amâncio:** É mais a minha ponderação é de que eu não vi manifestação nenhuma da FUNAI a respeito dos fatos deste processo. [...] Nenhuma manifestação da FUNAI e inclusive assessoramento jurídico pra mim.

**Juíza Raffaella:** Senhor Sebastião, então vou explicar para o senhor. Dr. Fernando não estou ouvindo o senhor Sebastião como informante por ele ser servidor da FUNAI, mas por ele ter manifestado que não se sente confortável como testemunha pela posição dele, então em respeito à própria condição do senhor Sebastião aqui manifestado vou ouvi-lo como informante. Ele mesmo que nos falou desta impossibilidade. Sr. Sebastião aqui como [...]

---

<sup>3</sup> Dr. Fernando Merloto Soave. (Hiram Reis)

**Dr. Fernando:** Então eu só registro excelência um agravo, né, oral na audiência sobre essa decisão de ouvi-lo como informante.

**Juíza Raffaella:** Aí se o senhor for, vou lembrá-lo então doutor se for entrar com o agravo, na verdade tudo vai ser analisado, o senhor vai recorrer tudo na apelação. [...]

**Dr. Harilson** (4): Excelência, só aproveitando o ensejo, a Associação reitera e corrobora os argumentos do ministério Público. [...]

**Juíza Raffaella:** Essa ação trata de uma possível ou suposta violação dos direitos do povo Waimiri-Atroari durante a construção da BR-174, que segundo consta teriam havido algumas violações de direito que segundo o Ministério Público Federal alega nos autos, certo? Então é sobre isto, então o senhor não está indo nem a favor nem contra ninguém, o senhor só estará apresentando, no caso aqui, o informe do senhor. O senhor estará sendo ouvido como informante e não como testemunha. Então quem pode aqui perguntar para o senhor é tanto eu quanto o Dr. Fernando, do MP, a Dr<sup>a</sup> Nívea (5), o Dr. Harilson, da Associação Waimiri-Atroari, a União, o DNIT, a ANEEL, então todos aqui podem perguntar para o senhor. O senhor não vai estar nem de um lado nem do outro, tá bom? Só para esclarecer ao senhor.

**Sebastião Amâncio:** Entendi.

**Juíza Raffaella:** A gente pode começar a ouvir o senhor?

**Sebastião Amâncio:** Pode sim.

---

<sup>4</sup> Dr. Harilson da Silva Araújo. (Hiram Reis)

<sup>5</sup> Dr<sup>a</sup> Nívea Sumire da Silva Kato. (Hiram Reis)

**Juíza Raffaella:** Então eu vou pedir para o senhor falar seu nome completo para min, por favor.

**Sebastião Amâncio:** Sebastião Amâncio da Costa.

**Juíza Raffaella:** Sr. Sebastião o senhor está com quantos anos?

**Sebastião Amâncio:** Eu tenho 79 anos.

**Juíza Raffaella:** Que coisa boa, o senhor já é aposentado não é?

**Sebastião Amâncio:** Sim, há mais de vinte anos.

**Juíza Raffaella:** Há mais de vinte anos, ok seu Sebastião. Sr. Sebastião, como o senhor foi indicado inicialmente pelo MP, eu vou passar a palavra para o MP que é o Dr. Fernando que vai lhe fazer algumas perguntas pro senhor e aí se o senhor souber pode responder diretamente para ele tá bom. Vou passar a palavra para o Dr. Fernando. Por favor, Dr. Fernando.

**Dr. Fernando:** Boa tarde seu Sebastião, obrigado por estar aqui conosco, né, num momento importante, não só o senhor, mas outras pessoas também que trabalharam na época, né, que tem uma relação, né, com os fatos que estão descritos nessa ação que já foram ouvidas e outras que podem ser ouvidas, né, e o importante, né, que essa ação, só para explicar um pouquinho para o senhor, trata de buscar trazer a verdade, né, na história do Brasil, né, que aconteceu de fato nem de um lado nem de outro, simplesmente o que aconteceu para que as coisas possam fluir naturalmente, né, todo mundo sabe que os países que se reconectam com a sua verdade, com a sua história eles conseguem dar um passo adiante, né, e avançar. Então a ideia é trazer transparência para os dados

históricos, a gente sabe que o senhor não teve tanto tempo, né, passou só um pouco de tempo na FUNAI na época, mas em face desta passagem curta o senhor foi arrolado aqui como testemunha pra trazer o que o senhor tenha de conhecimento a respeito da época, mais ou menos na década de setenta, do que aconteceu, do que teria acontecido no território do povo Waimiri-Atroari, né, eles se chamam de Kinja, né, mas a gente conhece como Waimiri-Atroari. Então eu vou fazer uma pergunta, né, tem até uma frase famosa que é "*conhecereis a verdade e a verdade vos libertará*" (6), acho que essa é o intuito do processo, né, trazer a verdade à tona, né, transparência para a gente poder avançar como país, como história, enfim, e então vamos trazer algumas perguntas, né, referentes ao que já foi trabalhado um pouco naquele comitê estadual, né, que teve no Amazonas, na ação do MPF a respeito destes fatos, bastante extensa a ação e fazer algumas perguntas para o senhor em relação a isso. Aí eu gostaria que o senhor pudesse me falar se o senhor se recorda qual foi o seu cargo e a sua atuação, né, entre os anos de 1974 e 1976, né, é período que o senhor teria atuado na frente de atração, né, Waimiri-Atroari, enfim se o senhor se recorda desses cargos que o senhor teve na época?

**Sebastião Amâncio:** Bem, posso responder já? [...] Eu não me recordo se nas funções que eu exerci foi durante a época da abertura da estrada. Eu exerci o cargo de Delegado da FUNAI e depois, posteriormente, como Superintendente e não sei se foi durante alguns meses a que se refere – 1974, mas essas foram as minhas funções até a aposentadoria.

---

<sup>6</sup> E conhecereis a verdade e a verdade vos libertará – Bíblia Sagrada, João 8:32. (Hiram Reis)

**Dr. Fernando:** O senhor chegou a trabalhar na Frente de Atração Waimiri-Atroari, não é isso, por um período?

**Sebastião Amâncio:** Logo após o falecimento do Sr. Gilberto Pinto Figueiredo, eu assumi a continuidade dos trabalhos, foi uma espécie assunção temporária, pois após o período curto que eu fiquei chegou o Apoena <sup>(7)</sup> e assumiu a continuidade também na mesma função minha de sertanista também.

**Dr. Fernando:** Joia, e o senhor se recorda assim de como foi o contexto da substituição do Gilberto na frente de Atração. Quando o senhor entrou como é que foi esse convite para o senhor assumir, qual foi a orientação na época?

**Sebastião Amâncio:** A minha assunção foi aqui na... era exercida por um General, o General Coutinho. O General Coutinho tinha de dar continuidade, devido às pressões políticas, tanto do Estado do Amazonas, tanto do Estado de Roraima interessados na conclusão da rodovia BR-174. Então a pressão política era muito grande e em Brasília também um General, Presidente da FUNAI, e o General na pressa dessa continuidade me convidou e eu aceitei e ao mesmo tempo fazia gestões para por um funcionário nessa função de forma permanente e foi eleito na época o Sr. Apoena e eu fiquei no período tampão por pouco tempo para dar continuidade às conversações com os índios porque o Sr. Gilberto Pinto já tinha feito o contato com toda a população no sentido de esclarecer o que significava a passagem da rodovia, o que poderia interferir na vida dos índios e como seria feita a maneira

---

<sup>77</sup> José Apoena Soares Meireles (\*15.02.1949 / † 09.10.2004): importante indigenista brasileiro que presidiu a FUNAI entre 1985 e 1986. (Hiram Reis)

mais própria para que isso não lhes causasse dano. Eu dei apenas continuidade.

**Dr. Fernando:** Joia, então foi um General que o convidou para substituir o Gilberto Pinto, é isso, da FUNAI?

**Sebastião Amâncio:** Me designou, ele tinha a competência para isso, e em Brasília o General Ismarth<sup>(8)</sup> concordou com a indicação, nós éramos conhecidos.

**Dr. Fernando:** Certo, e o senhor falou da pressa de concluir a BR-174 e tudo mais que havia na época.

**Sebastião Amâncio:** O problema é que o Amazonas e Roraima pressionavam muito para que houvesse a continuidade, e a FUNAI não impôs óbices para que o trabalho fosse paralisado.

**Dr. Fernando:** Joia, e qual foi a orientação do General quando o senhor assumiu, quais as orientações deram ao senhor de como conduzir este processo?

**Sebastião Amâncio:** Era manter as lideranças indígenas Waimiri-Atroari junto às intenções do projeto que estava em andamento da passagem da rodovia, e esses entendimentos tinham de ser de forma pacífica e com a concordância e aceitação plena dos índios, um critério "*sine qua non*".

**Dr. Fernando:** Certo, e o senhor sabe me falar como que era o modelo, na época de atração e atuação com os indígenas considerados, né, como arredios e selvagens nessa época? Como é que era essa política de pacificação?

---

<sup>8</sup> General Ismarth de Araújo Oliveira. (Hiram Reis)

**Sebastião Amâncio:** Os selvagens eu acho que o termo não é adequado, eles eram defensores intransigentes de seus direitos e queriam ser respeitados e a rodovia, pra eles, era um atentado porque ia cortar o território e eles não sabiam o que poderia levar a isso tendo em vista que não tinham parâmetro para julgar. Como, por exemplo, na instalação da hidrelétrica de Balbina, a FUNAI achou por bem pegar as lideranças e levar lá na usina de Tucuruí para eles terem uma noção real, física do que seria uma hidrelétrica, e na passagem da rodovia não tinha como mostrar o resultado posterior à passagem. Então essa preocupação dos índios era patente.

**Dr. Fernando:** E como é que era o modelo de atuação na época com os indígenas que não aceitavam a pacificação, qual é que era a proposta, o critério de atuação na época?

**Sebastião Amâncio:** Não havia mais a pacificação, havia uma relação de amizade e um conceito de que a FUNAI era um órgão protetor e eles confiavam em nós e nós éramos solidários a demonstrar que essa confiança era patente e própria, mas não havia mais a pacificação nem a resistência dos índios.

**Dr. Fernando:** Então não teve nenhuma resistência dos indígenas na época da passagem da estrada?

**Sebastião Amâncio:** Não o que eles entenderam que seria, não houve qualquer resistência ou contraindicação disso.

**Dr. Fernando:** Certo. Bom o senhor prestou declarações no jornal "*O Globo*", em 6 de janeiro de 1975, falando que fariam uma demonstração de força dos civilizados que incluíam emprego de dinamite, granada, bombas de gás



lacrimogênio, rajadas de metralhadora e confinamento dos chefes dos índios em outras regiões do país, eu gostaria que o senhor explicasse o contexto dessa fala, né. (9)

**Sebastião Amâncio:** Foi interpretação do jornal e de interesses sensacionalistas sobre isso. O que foi dito é que nós não faríamos como na ocupação do Oeste Americano onde o exército era o carro chefe da submissão dos índios daquela região, de acordo com que se vê em filmes até hoje, nós não faríamos aquele tipo de demonstração de força e de resistência, de massacres como fez o exército americano de acordo com as histórias passadas. Pelo contrário o que foi dito é que não seria feito aquilo e sim uma atitude de boa vizinhança e de confiança entre o grupo da FUNAI e os indígenas. Aquilo foi uma exploração jornalística mal interpretada do que nós queríamos que fosse entendido. Esse modelo era o modelo que usava o exército americano na abertura do oeste americano. Nós dizíamos que não seria levada a cabo uma demonstração daquele modelo e sim de amizade com os índios. É o inverso do que o senhor falou

---

<sup>9</sup> Observação minha, parece que o Dr. Fernando não se preparou devidamente para esta oitiva e não tomou conhecimento do:

**INQUÉRITO CIVIL PÚBLICO – Nº 1.13.000.001356/2012-07  
TERMO DE DEPOIMENTO DE SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA**

No dia 25.11.2014, às 09:00, na sede da Procuradoria da República no Amazonas, compareceu SEBASTIÃO AMÂNCIO DA COSTA, que prestou as seguintes declarações: [...]

Sobre as mortes, estive alguns meses no Rio Purus e num momento posterior com Mário e Viana, tínhamos uma intimidade muito grande, eles nunca comentaram qualquer morte por parte da frente e do Exército. [...]

Sobre a alegação de que havia 6.000 índios lá, não era possível fazer censo, devido às dificuldades de contato, então não era possível estimar isso. [...]

A falta de notícias sobre a presença dos indígenas após 75 deve-se ao fruto de nosso trabalho. As áreas são muito extensas, eles fazem visitas uns aos outros, possuem a caça e a pesca. [...] (Hiram Reis)

e do que posso ter sido interpretado. O jornal falou o que o senhor disse, mas não era verdade.

**Dr. Fernando:** Certo, essas determinações de demonstração de força constam inclusive de um ofício nº 42º-E2-Conf que a própria FUNAI que assume, né, esta questão de demonstração de força. Então isto também está oficial por meio de um ofício da própria FUNAI.

**Sebastião Amâncio:** Nunca houve, o Exército trabalhou na abertura da estrada e subempreitou vários trechos, mas não há nada que desabone a atuação do Exército, eles fizeram um trabalho com profissionalismo, retidão e confiança. Nada há que os desabone, não houve qualquer demonstração de força ou de resistência, ou de ameaças, não houve nunca isso. <sup>(10)</sup>

**Dr. Fernando:** Certo, tem uma outra fala do jornal que o jornal coloca como se fosse literal tua também, senhor que é *"o armamento será usado apenas para dissuadi-los de qualquer pretensão de ataque contra os civilizados, a dinamite que explode derruba árvores será útil para demonstrar nossa força e espantar os índios e as bombas de gás lacrimogênio poderão ser usadas em caso de ataque forçando um recuo imediato dos índios"* uma outra frase também atribuída ao senhor então o senhor não disse isso também.

**Sebastião Amâncio:** Foi a interpretação em razão da primeira fase que o jornal publicou que seriam então utilizadas condições que o exército americano não usava ainda na época do oeste americano porque não existia bombas de gás e nem o uso de dinamite. Mas a FUNAI em todas as frentes de atração que exercia para evitar

---

<sup>10</sup> O Dr. Fernando começa a coçar a barba numa clara demonstração de que a convocação de Sebastião Amâncio foi um tiro pela culatra. (Hiram Reis)

massacres, principalmente dos profissionais, utilizava sim esses foguetes com estampidos que impressionavam como se fossem armamento, mas eram foguetes. [...] De modo que os estampidos pudessem refrear a investida como se fosse armamento. Isso nas frentes de atração era comum existir, não nos Waimiri-Atroari, mas em outras partes do País onde haviam Frentes de Atração.

**Dr. Fernando:** Certo, retomando o senhor, então, afirma que não teve conflito entre os Waimiri e a Frente de Atração?

**Sebastião Amâncio:** Foi na época, que os Waimiri-Atroari tinham como princípio [...] havia muitas investidas das sociedades envolventes e das Frentes Pioneiras de Penetração naquela região em busca de peles de animais silvestres e em ocasiões muito antigas esse contato então levou algum tipo de doença e contagiou os índios e houve mortes por contágio de madeireiros, caçadores e pescadores então em épocas que essas mortes faziam aniversário os índios saiam de forma arredia se vingando do pessoal que não era da tribo e isso os levava a confundir com os funcionários da FUNAI. Então em outras ocasiões houve massacre de funcionários da FUNAI como foi o caso do senhor Gilberto Pinto e do senhor João [...] Duarte. Informou que cada um dos grupos que era uma revanche dos índios pelo que aconteceu naquelas épocas de filhos e parentes que morreram pelo contágio com os madeireiros e caçadores. Mas não houve conflito com as Frentes de Atração com os índios Waimiri-Atroari.

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor disse que em outras partes do País que as Frentes de Atração usavam rojões, né...

**Sebastião Amâncio:** Era uma alternativa para impedir uma investida com o intuito de exterminar o pessoal da FUNAI. Então era um truque que era usado para ver se os estampidos poderiam voltar à razão daqueles que pretendiam causar dano, mas eram apenas estampidos.

**Dr. Fernando:** O senhor afirmou que nos Waimiri isso não foi usado?

**Sebastião Amâncio:** Não.

**Dr. Fernando:** E senhor sabe dizer por que não? Se também tinha os mesmos, os problemas eram parecidos?

**Sebastião Amâncio:** Porque em todos os trabalhos realizados com os Waimiri-Atroari havia muito entendimento e amizade e o pessoal trabalhava com toda a população indígena e não se esperava que pudesse haver um tipo de violência com os funcionários embora tenha havido. Mas havido a violência contra os funcionários, não reação.

**Dr. Fernando:** Certo, é, então o senhor afirma que não teve nenhum tipo de ação contundente ou forte ou até ação física dos funcionários da FUNAI ou do próprio Exército contra os Waimiri-Atroari?

**Sebastião Amâncio:** Da FUNAI jamais e do Exército também não.

**Dr. Fernando:** Certo, a gente já ouviu os Waimiri-Atroari lá na área deles e eles são unânimes em afirmar que ouve sim mortes, tiros e muitas coisas, né, o senhor acredita que eles estão equivocados ou algo assim e porque eles estariam falando isso?

**Sebastião Amâncio:** Bem, eu [...] ou do interesse deles junto com o pessoal que trabalhava [...] mas eu desconheço e nunca ouvir dizer e estou ouvindo pela primeira vez o senhor falar.

**Dr. Fernando:** O senhor trabalhou por quanto tempo na Frente de Atração?

**Sebastião Amâncio:** Eu conheci os trabalhos desde o princípio, mas eu não participei de todas as ações [...]

**Dr. Fernando:** Como chefe da Frente de Atração mesmo o senhor ficou por quanto tempo à frente?

**Sebastião Amâncio:** Foram alguns meses, mas em todas as nossas incursões nunca ocorreu. Nem dos índios contra nós e nem de qualquer ação ou reação contra os índios.

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor sabe informar se quando havia algum tipo de conflito os Waimiri-Atroari costumavam... se teve algum tipo de conflito entre os Waimiri e pessoas de fora, né, se eles costumavam voltar a estas áreas depois ou não, como que era isso, o senhor sabe afirmar como...

**Sebastião Amâncio:** Nós controlávamos somente o pessoal da FUNAI, esses madeireiros e pescadores nós não conhecíamos nem sabíamos de onde haviam entrado ou quanto tempo apareciam ou de onde e porque entraram.

**Dr. Fernando:** Certo, mas quando têm estes conflitos, tipo a morte do Gilberto, ou de outro funcionário, enfim, os Waimiri costumavam depois do conflito voltar ou eles sumiam, como era isso?

**Sebastião Amâncio:** Bom, é preciso esclarecer, os grupos Waimiri-Atroari são muito conhecidos na área, se conhece cada indivíduo e cada família. Mas ainda existem índios Waimiri-Atroari não contatados, a área é muito grande e os grupos são pequenos em relação à sobrevivência, eles praticavam caça e pesca muito rudimentar, então há alguns grupos ainda não contatados nós não sabemos se foi por parte destes grupos não contatados que aconteceram estes massacres. O que é mais provável em relação de que todas as pessoas que se envolveram eram muito amigas dos índios já contatados e dificilmente seriam estes grupos que os teriam matado. Até hoje ainda existe grupos, não sabemos, já foram feitas procuras, mas não localizamos – procuras aéreas, através de meios aéreos. Então estas populações podem ainda estar perambulando pela floresta, e as reações deles não são acompanhadas e não são conhecidas por todos que trabalham na área.

**Dr. Fernando:** Certo, mas a minha pergunta mais objetiva é a seguinte, o senhor sabe se depois dos conflitos que aconteceram, por exemplo, com o Gilberto e outros que tiveram, os Waimiri-Atroari costumavam sair e depois voltar para aquela área depois de um tempo ou abandonavam a área de vez, o senhor sabe falar sobre isso?

**Sebastião Amâncio:** Bom, a FUNAI mantinha vários estações físicas fixas e os índios vinham até estas instalações e quando eles se afastavam eles tinham um período já conhecido de distanciamento voltavam por ocasiões, meses depois. Então, após os conflitos eles voltavam a procurar as estações físicas da FUNAI na área, no Rio Camanaú que era fora do eixo da estrada e na foz do Rio Alalaú todas bem distantes da BR-174, nestes

postos não retornavam era onde a FUNAI ficava e prestava todo o apoio necessário na área...

**Dr. Fernando:** Desculpe interromper, é que eu não entendi, eles voltavam depois de alguns meses ou eles não voltavam? Isso é que eu não entendi.

**Sebastião Amâncio:** Eram os Postos de Controle da FUNAI, áreas físicas permanentes, eles tinham períodos de visita amigável que se sucedia durante algumas épocas do ano fracionados durante o ano de 4 a 6 dias de 6 em 6 meses eles entravam nas instalações da FUNAI. Eles se afastavam, perambulavam, e vinham a passeio, a uma visita amigável não em relação a conflitos anteriores eram visitas de interesses próprios.

**Dr. Fernando:** Certo, depois das declarações que o senhor deu no jornal, não é, que o senhor afirma que teriam sido distorcidas, o senhor foi afastado do cargo, não foi isso? O senhor sabe informar como é que isso aconteceu, como que ocorreu esta questão?

**Sebastião Amâncio:** Bem, o General Ismarth, Presidente na época, falou para mim *“vamos trazer você para o Estado do Pará, você vai passar um tempo lá até esta situação em relação a estas declarações, que atribuíram a você, perca a força em que se encontra”*. Fui embora para o estado do Pará onde passei uma temporada na região onde estava sendo aberta a rodovia e os estudos para a represa de Tucuruí que seria construída naquela região. Passei alguns anos lá e depois voltei.

**Dr. Fernando:** Certo, tem uma notícia aqui que o senhor teria ordenado o fechamento de uma assembleia de 140 líderes indígenas, lá na área da Raposa e Serra do Sol,

quando atuou lá depois. Só para entender, isso aconteceu mesmo, é fato, como foi isso?

**Sebastião Amâncio:** Não, eu desconheço essa informação. Nunca fechei assembleia nenhuma.

**Dr. André** <sup>(11)</sup>: Excelência não vejo relevância dessa informação da Raposa Serra do Sol com o presente processo, é outra etnia, outra época e outro local.

**Juíza Raffaella:** Obrigada Doutor. De fato Dr. Fernando, por favor, atenha-se ao fato do processo. Por favor pode continuar.

pergunta foi em razão da forma de atuação das pessoas que passam pelo cargo para saber se é uma constância na atuação e...

**Sebastião Amâncio:** Eu quero negar, este acontecimento não houve.

**Dr. Fernando:** Ok, tá bom...

**Sebastião Amâncio:** Se for mantido o dito é falso.

**Dr. Fernando:** Tá certo, o senhor conheceu Apoena Meireles?

**Sebastião Amâncio:** Conheci.

**Dr. Fernando:** Certo, ele o substituiu na saída depois da saída da Frente de Atração logo depois, não foi isso? [...]

---

<sup>11</sup> André Petzhold Dias: Procurador-chefe da Procuradoria da União no estado do Amazonas. (Hiram Reis)



**Dr. Fernando:** Só para entender o cronograma histórico, era o Gilberto na Frente, depois o senhor assumiu e depois foi o Apoena, é isso a sequência.

**Sebastião Amâncio:** Isso, quando eu fui para o Estado do Pará, voltou o Apoena.

**Dr. Fernando:** Ah, sim, e o senhor conhecia a atuação do Apoena, como é que ele era, era um bom gestor, como é que era isso?

**Sebastião Amâncio:** Era bastante experiente, ele trabalhou muito com os Xavante, substituindo o pai dele, o seu Meireles, e então como ele tinha muita experiência os trabalhos prosseguiram sem mais acontecimentos. Porque, em seguida, teve um, não sei se foi em seguida ou um pouco antes houve com aquele Padre Calleri <sup>(12)</sup>. A atuação do Padre Calleri empanou muito a atuação dos índios porque ele não tinha o conhecimento dos trabalhos e a gestão dele lá prejudicou um pouco a continuidade dos trabalhos da FUNAI. E até na época eu achei estranho a FUNAI concordar com a entrada de um missionário na região para dar continuidade aos trabalhos de atração, mas ele foi e custou a vida dele e de todos que o acompanhavam e os trabalhos se tornaram mais difíceis.

**Dr. Fernando:** Joia, então o senhor afirma que o Apoena era um gestor experiente, um bom gestor? É isso que...

**Sebastião Amâncio:** Em minha opinião, sim.

**Dr. Fernando:** Em 17 de agosto de 1975, o Apoena dá uma declaração para o jornal "*O Estado de São Paulo*", de que todos os conflitos na área dos Waimiri-Atroari houve baixas dos dois lados, que os assassinatos praticados por

---

<sup>12</sup> Padre Giovanni Calleri. (Hiram Reis)

funcionários da FUNAI mostravam como estava errada a atração dos índios, né, e ele falava também que infelizmente não só falavam dos nossos mortos “os Waimiri-Atroari tombaram no silêncio da mata e foram simplesmente enterrados no espaço e no tempo”, essa são as falas do Apoena, né, no jornal, o senhor sabe informar se tem conhecimento dessas declarações, desse fala...

**Sebastião Amâncio:** Antigamente eu não estava presente em todas as ações que ocorreram na área Waimiri-Atroari. Essa, por exemplo, eu desconheço e nunca ouvi dizer.

**Dr. Fernando:** O senhor chegou a acompanhar as entradas do 1º BIS <sup>(13)</sup> no território Waimiri-Atroari.

**Sebastião Amâncio:** Nós éramos da Frente Precursora que acompanhava as picadas onde haveria a terraplanagem. Quando abriam as picadas eu estava presente sim.

**Dr. Fernando:** Tá, é só para esclarecer, eu queria saber a questão histórica, né, porque uma coisa era a entrada do 6º Batalhão de Engenharia de Construção que era para fazer a estrada e a outra coisa era a entrada do 1º BIS, eles tinham funções diferentes, né, na sua época...

**Sebastião Amâncio:** E também era diferente a entrada do pessoal de trabalho da abertura da floresta, faziam uma picada larga que seria depois terraplanada. Essa equipe era bem menor que aquela que entrava com maquinário e faziam acampamentos grandes e mais ou menos permanentes para dar suporte aos trabalhos da época, nas equipes de maquinário os trabalhadores eram

---

<sup>13</sup> 1º BIS: 1º Batalhão de Infantaria de Selva. (Hiram Reis)

numerosos diferente da equipe da picada, era então uma situação bem diferente para mim.

**Dr. Fernando:** Certo, eu queria saber se na época em que o senhor foi gestor, né, da Frente de Atração? O 1ºBIS já entrava também ou só entrava o 6º Batalhão de Engenharia de Construção, o senhor sabe informar quem estava entrando?

**Sebastião Amâncio:** Eu não tinha informação, esse era um trabalho exclusivo do Exército e não chegavam me informando o que iam fazer, quando, onde e quem. Só acompanhávamos a picada que tínhamos ido junto com eles. Depois na frente nós fazíamos acampamento no final de cada estacionamento da frota do maquinário e nós permanecíamos juntos ali...

**Dr. Fernando:** Mas o senhor sabe falar quais órgãos do Exército entravam, qual Batalhão, de infantaria enfim...

**Sebastião Amâncio:** Não era só o Exército. O Exército, muitas vezes, terceirizou a construção de trechos para empresas civis particulares.

**Dr. Fernando:** Tá, mas quando o senhor foi gestor da frente de Atração, né, coordenador, o senhor sabe falar do Exército quem entrava, qual era o Batalhão, qual era o setor <sup>(14)</sup> que entrava.

**Sebastião Amâncio:** A gente tinha a informação e eles não se identificavam pela roupa ou pela presença.

**Dr. Fernando:** Então o senhor como gestor da Frente de Atração não sabia quem do Exército entrava.

---

<sup>14</sup> ????. (Hiram Reis)

**Sebastião Amâncio:** Sabia que era do Exército, mas a qual Batalhão pertencia eu não tinha essa informação.

**Dr. Fernando:** É, ok, o senhor chegou a ter conhecimento das demonstrações de força que aconteceram no Território dos Waimiri-Atroari?

**Sebastião Amâncio:** Não houve demonstração de força em ocasião nenhuma nem pela FUNAI nem pelo Exército. O Exército trabalhou com lisura, competência e não há nada que os desabone.

**Dr. Fernando:** Entendi, eu pergunto porque o próprio Apoena, né, o antropólogo Stephen Baines <sup>(15)</sup> e os próprios Waimiri-Atroari todos relatam que houve estas demonstrações e muito mais, né, mas tudo bem.

**Sebastião Amâncio:** Eu não vi, não soube e não acredito que tenha havido [...] os índios nunca me falaram e eu sou amigo dos índios até hoje. Os principais líderes de lá são Mário e Viana e são meus amigos. Minha família frequentava lá com eles e eles nunca falaram disso. E eu não acredito que seja verdade.

**Dr. Fernando:** Certo.

**Sebastião Amâncio:** Com todo o respeito ao Apoena, já falecido, não é, com todo respeito a ele como pessoa nunca soube disso e não acredito que tenha ocorrido.

**Dr. Fernando:** Não, como falei para o senhor não só os indígenas relataram o que ocorreu neste processo judicial, o próprio Mário, só para confirmar com o senhor.

---

<sup>15</sup> Stephen Grant Baines, vide Anexo 3, páginas 5 a 13. (Hiram Reis)

**Sebastião Amâncio:** Bem, índio nenhum nunca me disse não.

**Dr. Fernando:** Entendi, o senhor chegou a conhecer o mateiro Raimundo Pereira da Silva (16) que trabalhava na FUNAI?

**Sebastião Amâncio:** Eu conheci o mateiro Álvaro. O senhor Álvaro era o mateiro que acompanhava o 1ºBIS, mas esse que o senhor falou não conheci não.

**Dr. Fernando:** Esse não, né, ok.

**Sebastião Amâncio:** O senhor Álvaro morreu por ocasião da entrada do Padre Calleri ele foi uma das vítimas. [...] Álvaro Paulo da Silva (17).

**Dr. Fernando:** Certo, só para contextualizar o senhor, o Raimundo ele deu depoimento na Comitê da Verdade falando que a presença do 1ºBIS era ostensiva, que tinha a presença de jipes, de carros camuflados, aviões e enfim que faziam essas entradas no território Waimiri-Atroari. O senhor não tem conhecimento dessas falas dele então. [...] Tá, mas ele fala aqui, só transcrevendo as palavras dele *"eu não via mais os índios nos lugares em que antes via índios aos montes, provavelmente foram aqueles carros e aviões que deram fim neles, o BIS atirava todo o dia no acampamento, de manhã e de noite, davam 600 tiros, o objetivo era intimidar os índios"*, essa fala, também do Raimundo no Comitê da Verdade, mas o senhor não tem conhecimento destas palavras.

---

<sup>16</sup> Vide Anexo 3, páginas 77 a 85. (Hiram Reis)

<sup>17</sup> Na verdade Álvaro foi o único *"sobrevivente"*, uma história mal contada. (Hiram Reis)

**Sebastião Amâncio:** [...] não se utilizava aviões, não tinha pista de pouso eram só viaturas terrestres, mas não tinham aviões não.

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor chegou a conhecer o seu Manoel Paulino, Carapanã?

**Sebastião Amâncio:** Eu conheço um Paulino, não sei se é o mesmo, o Paulino que eu conheço acho que não é Manoel não.

**Dr. Fernando:** Ele era funcionário da Frente de Atração e Chefe de Campo da FUNAI, ele ajudava na construção dos roçados destas coisas.

**Sebastião Amâncio:** O Paulino que eu conheço era motorista da FUNAI. (18)

**Dr. Fernando:** Ah, tá joia.

**Sebastião Amâncio:** E ele era do Rio Grande do Norte.

**Dr. Fernando:** Não, não ele é indígena. Manoel Paulino é Carapanã.

**Sebastião Amâncio:** Não, não conheço não.

**Dr. Fernando:** Tá, tem um relato, né, dele não sei se o senhor já ouviu, né, ele disse que viu corpos dos índios trazidos em uma caçamba e serem jogados num buraco da terraplanagem, tinham cinco caçambas com índios e o nome da região passou a ser terraplanagem e era [...]

**Sebastião Amâncio:** Olha, nunca ouvi falar disso e não acredito que seja verdade. Os índios nunca me falaram sobre isso.

---

<sup>18</sup> Arivaldo Paulino Dantas. (Hiram Reis)

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor chegou a conhecer o senhor João Ferreira de Sousa, o Joãozinho Sateré?

**Sebastião Amâncio:** Olha, eu conheço muitos Saterés, mas com esse nome não.

**Dr. Fernando:** Ah, tá, ele trabalhava na FUNAI desde 1974, eu acho, bom e o senhor não se recorda de ter conhecido ele não, né?

**Sebastião Amâncio:** Ele é índio Sateré de Andirá ou daqui de Maués?

**Dr. Fernando:** Aí o senhor me apertou, viu, ele é conhecido como Joãozinho Sateré e trabalhava na FUNAI, né, na equipe que realizava o contato com os índios.

**Sebastião Amâncio:** Eu conheço um Joãozinho que era lá de Andirá.

**Dr. Fernando:** E ele trabalhava na FUNAI?

**Sebastião Amâncio:** Trabalhou algum tempo.

**Dr. Fernando:** Certo, ele também dá o relato que quando o Exército confrontava os Atroaris eles passaram a ameaçar, que atiravam para cima, que assustavam os índios que viu um grupo indo para a mata para matar os índios, o senhor também não conhece este relato dele.

**Sebastião Amâncio:** Não, o João Sateré, que eu conheço, trabalhou muito comigo e inclusive nós fomos trabalhar com índios no Javari e nunca ouvi falar sobre isso. Nós tivemos muito tempo juntos e eu conhecia muito o pai dele que era um Tuxaua respeitado no Andirá.

**Dr. Fernando:** Certo.

**Sebastião Amâncio:** O Andirá a que me refiro é aquele rio ali logo abaixo de Parintins.

**Dr. Fernando:** Sim, Barreirinha né, Andirá e Marau que é a mesma terra indígena. Marau já...

**Sebastião Amâncio:** Marau, a que me referi é da etnia Maués.

**Dr. Fernando:** Isso, e dos Sateré também, né. [...]

**Juíza Raffaella:** O senhor tem mais alguma pergunta Dr. Fernando?

**Dr. Fernando:** Sim, já está terminando Excelência.

**Juíza Raffaella:** Ok.

**Dr. Fernando:** É, o senhor voltou a trabalhar com os Waimiri-Atroari em 1975, não é isso?

**Sebastião Amâncio:** Não.

**Dr. Fernando:** Não.

**Sebastião Amâncio:** Eu fui apenas fazer uma revisão da instalação dos postos, levar as lanchas para os postos e eu fui apresentar aos índios para que houvesse uma continuidade da condição pacífica em que nós vivíamos. Mas não foi um trabalho permanente, eu fui lá e deixei o pessoal que ia passar a morar ali e retornei.

**Dr. Fernando:** Nessa época o senhor atuou junto com o Porfírio de carvalho ou não?

**Sebastião Amâncio:** O Porfírio visitava ocasionalmente, mas trabalhar com ele eu nunca trabalhei.



**Dr. Fernando:** Tá, nessa época, que acho que era 1985, se não me engano, né, o ano, o senhor chegou a presenciar a saída do Presidente da FUNAI e a troca pelo Romero Jucá?

**Sebastião Amâncio:** Bom, eu conhecia muito o Romero Jucá, mas qual o presidente o senhor fala?

**Dr. Fernando:** É, agora tô sem aqui o nome, o Presidente em 1985 <sup>(19)</sup> no contexto das pressões que estavam havendo pela mineração na área, né? Já estava acontecendo a mineração lá.

**Sebastião Amâncio:** O senhor está falando da Paranapanema?

**Dr. Fernando:** Isso.

**Sebastião Amâncio:** Ali eu conheci bem, desde que começaram até a conclusão dos trabalhos e depois quando passaram a empresa para outros grupos financeiros.

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor acompanhou, também estas negociações para a mineração se instalar na área ou não.

**Sebastião Amâncio:** Estava lá. [...] Eles obtiveram autorização do órgão competente e já tinham estabelecido contato com os índios e se instalaram onde

---

<sup>19</sup> Nelson Marabuto – setembro de 1984 a abril de 1985;  
Ayrton Carneiro de Almeida – abril de 1985;  
Gerson da Silva Alves – abril de 1985 a setembro de 1985;  
Álvaro Villas Boas – de setembro a novembro de 1985;  
Apoena Meireles – de novembro de 1985 a maio de 1986;  
Romero Jucá – de maio de 1986 a setembro de 1988.  
(Hiram Reis)

estavam as jazidas de cassiterita. Construíram vila e passaram muitos anos lá. (20)

---

<sup>20</sup> Vamos inserir um comentário bastante oportuno do meu dileto amigo Coronel Gélío Fregapani sobre as Minas do Pitinga e o Cartel do estanho chamado "*Thin Brothers*". O Coronel Fregapani é meu mentor e consultor para assuntos amazônicos:

Eis meu testemunho:

1982 – Na antevéspera de passar o comando do CIGS fui procurado por uma delegação da mineração Paranapanema sobre a incidência de leishmaniose na região do Pitinga, o que inviabilizava a exploração das jazidas minerais, e me prontifiquei a empregar os nossos métodos de profilaxia do CIGS, que eram bem sucedidos nos deslocamentos pela selva. A Paranapanema havia sido instada por um clarividente Diretor local do DNPN, Dr. José Belfort Bastos, ao verificar uma grande anomalia mineral na área do rio Pitinga e tinha verificado que haveria um teor de cassiterita [estanho] muito superior ao maior teor já conhecido no mundo, mas a incidência da doença infecciosa estava impedindo a exploração. A nossa profilaxia, apropriada para os deslocamentos, o uso de vitamina B12 e o acampar em locais altos já poderiam resolver o que nem a SUCAM nem diversos cientistas o tinham conseguido com dedetizações, mas nosso conhecimento da floresta ainda nos permitiu eliminar, com armadilhas, os depósitos do protozoário – os mcuras e a preguiça real além dos cães domésticos; e a reduzir o vetor – um flebótomo, o mosquito palha, através de armadilhas de mosquitos, da introdução de predadores de larvas – patos e rãs e do uso de cores repelentes [o amarelo].

Conseguimos o índice de "zero" leishmaniose no Pitinga e a produção de cassiterita cresceu exponencialmente, incomodando os concorrentes. Esses associados ao "*Thin Brothers*", o nome do cartel do estanho. Para se entender melhor a situação podemos registrar o número quinze; o mundo produzia então 150 mil toneladas de estanho por ano e consumia 135 mil e, as restantes 15 mil, eram estocadas para manter o preço, que estava em 15 mil dólares. Quando a produção do Pitinga atingia as 10 mil toneladas/ano o "*Thin Brothers*" convidou o Presidente da Paranapanema para entrar no cartel, alegando que as vendas no Spot prejudicava a todos, mas só ofereceu uma cota de duas mil toneladas. O Presidente Otávio Cavalcante Lacombe não aceitaria o sacrifício de 80% de sua produção enquanto os demais sacrificariam apenas 10%. Em sequência o "*Thin Brothers*" ameaçou: "*Vou quebrar vocês, tenho um estoque grande e oneroso e vou lançá-lo para baixar o preço*".

---

Assim o fez, baixando progressivamente o preço até chegar aos 7 mil dólares por tonelada. A maioria das outras minas fechou, pois este era praticamente o custo de sua produção. As demais minas do mundo produzem em média 80 gramas de estanho por metro cúbico em galerias profundas na rocha, enquanto a mina do Pitinga conseguia 3 Kg por m<sup>3</sup> à flor da terra. Em um determinado local chamado "Morro Sagrado" eram retirados 6 Kg por m<sup>3</sup>. Com a parada da produção de suas minas, o cartel em desespero baixou o preço até pouco mais de 2 mil dólares por tonelada, – apenas o custo da comercialização, numa tentativa final de quebrar a Paranapanema, mas mesmo assim a produção do Pitinga continuou aumentando. A Paranapanema aguentou o tranco e continuou aumentando sua produção.

Muitas vezes visitei a mina e levei companheiros a convite da Paranapanema e conversava com o Lacombe sobre o progresso do empreendimento. Certa vez me contou: "*descobrimos outra riqueza, a Tantalita-Volframita [a maior jazida do mundo]*", mas a que mais chamou minha atenção foi a de um mineral do qual eu nunca tinha ouvido falar. Foi lá pelo ano de 1990, quando recebi um telefonema do Lacombe, contente da vida, me anunciando que haviam descoberto uma jazida da Creolita. Depois de dar-lhe os parabéns eu disse em tom jocoso:

- Já sei que é preto, mas para que é que serve?
- Deixa de ser preconceituoso.

Contestou Lacombe.

- Pois é um cristal vermelho. É indispensável para processar a bauxita na obtenção do alumínio e existe só uma mina e está em extinção. Será mais um setor que o nosso país vai dominar.

Naturalmente isto me impressionou, mas não me surpreendeu, tal a riqueza daquela área. Cerca de um mês depois, noutro telefonema, perguntei qual a situação da Creolita. Respondeu-me ele:

- Não estamos explorando e estamos recebendo um bom subsídio para deixar assim.

Indignado exclamei que não esperava isto dele, ao que ele respondeu:

- Por que não? Quase todas as usinas de alumínio no país são americanas ou canadenses e conseguiram, graças à corrupção, subsídios no fornecimento de energia elétrica tão grandes que, fazendo as contas, o país está pagando para eles extraírem e processarem o alumínio. Pois bem, eles só conseguem fazê-lo aqui com Creolita artificial e quem a

---

fabrica é um industrial brasileiro e patriota – Antônio Ermírio de Moraes – que mete o dente e faz muito bem. Melhor ainda, divide conosco.

O Lacombe comentava comigo que, quando acabasse o estoque, eles teriam que refazer o estoque, e se não fosse refeito o produto do Pitinga ano a ano avançaria sobre o mercado. Bem, aconteceu; o “*Thin Brothers*” se reestruturou, ficando o nosso País com a cota de 20 mil toneladas, tornando-se o segundo maior exportador do mundo. Lendo este relato parece que os nacionais ganharam a guerra, mas o “*Thin Brothers*” passou a financiar pesadamente os movimentos indianistas para, com os Atoari, impedir o transporte de minério da mina.

Lá por 1990 ou 91 faleceram na mesma o sócio maior da Paranapanema – Otávio Lacombe e o engenheiro que levava mina para frente – o Coronel Nelson Dorneles da Silva; um num acidente automobilístico em São Paulo e outro num acidente aéreo no Amazonas e a mina foi vendida. Essas mortes são suspeitas. Sabemos que acidentes acontecem, mas quando os compradores anunciaram que a mina estava em exaustão e, que eu saiba, só no Morro Sagrado havia estanho para mais de 300 anos conclui que havia demasiadas coincidências para se acreditar sem deixar dúvidas, pois o jogo é bruto e não exclui assassinatos. Como estará o Pitinga hoje? – Não sei.

A entrada do estanho brasileiro no mercado internacional, na verdade, concorreu para colapso do “*International Tin Council*” (ITC), em 1985. Vejamos este pequeno histórico da Mineração Taboca, disponibilizado no seu site oficial: LINHA DO TEMPO ([www.mtaboca.com.br](http://www.mtaboca.com.br))

- Em 1961, a Paranapanema, empresa de origem familiar na época, inicia sua história como empresa de construção civil pesada;
- Em 1969, a Paranapanema descobre ocorrências de cassiterita – minério de estanho – na Região Amazônica e obtêm os direitos minerários em diversas áreas na província estanífera de Rondônia, fundando a Mineração Taboca S.A.;
- Em 1973, a Paranapanema incorpora a empresa Mamoré Mineração e Metalurgia, verticalizando a produção, passando a produzir estanho refinado;
- Em 1974, a Paranapanema, após anos de investimentos, consolida tecnologia de concentração de cassiterita, proveniente de depósitos aluvionários;
- Em 1979, a Mineração Taboca, através de pesquisas geológicas, descobre os primeiros indícios promissores de existência de cassiterita, em afluentes do Rio Pitinga, no estado do Amazonas;
- Em 1982, a Mineração Taboca inicia implantação e lavra na mina a 300 km de Manaus [AM], que passa a denominar-se Pitinga, gerando recursos que a transforma em um projeto autossustentado;

- 
- Em 1987, investimentos em pesquisa e desenvolvimento permitem à Mineração Taboca, avançar em tecnologias para processamento de minérios ricos em Nióbio e Tântalo, também presentes na mina de Pitinga;
  - Em 1996, um pool de fundos de pensão, adquire o controle acionário da Mineração Taboca, da Mamoré Mineração e Metalurgia, adotando o nome Paranapanema para denominar o novo conglomerado de empresas voltadas para produção de metais não ferrosos;
  - Em 2002, Mineração Taboca obtém Certificação ISO 9001:2000;
  - Em 2005, a Mineração Taboca SA arrenda as instalações da Mamoré Mineração e Metalurgia, no interior de São Paulo, consolidando as atividades de mineração e metalurgia de estanho sob uma única empresa;
  - Em 2006, Após anos de pesquisas e investimentos, a Mineração Taboca inicia o processo de substituição do aluvião pela extração da rocha primária, projeto denominado "Rocha-Sã";
  - Em 2008, o tradicional grupo minerador peruano Minsur, adquire o controle acionário da Mineração Taboca e da Mamoré Mineração e Metalurgia.



**Pontifícia Universidade Católica [PUCSP]  
São Paulo, SP – 24 e 25.04.2006**



**Cartel Internacional do Estanho:  
a Importância da Indústria Brasileira na Quebra do Conluio  
[Júlio César Cuter; Anita Kon]**



A indústria estanífera mundial apresentou ao longo do século XX alta concentração de países produtores. Em 1982 [ano inicial do último acordo do cartel de produtores], os quatro maiores produtores – Malásia, Indonésia, Bolívia e Tailândia – representavam juntos, aproximadamente, 75% da produção mundial. Destacava-se, ainda, a pequena quantidade de firmas dentro de cada país explorando o principal minério do estanho, a cassiterita. Igualmente importante é considerar a integração quase completa da extração do minério com o seu beneficiamento metalúrgico, consolidando a cadeia produtiva, formando uma única indústria. A intervenção direta no mercado do estanho, o conluio, tornou-se possível com o surgimento de condições propícias e objetivas: a concentração e a integração. As primeiras tentativas de elaborar acordos fracassaram, mas com a criação de uma associação para gerir o cartel, em 1931, e com a queda no preço do metal, consequência da crise de 1929, as medidas de controle ganharam mais importância e começaram a surtir efeitos a partir de 1933.

**Dr. Fernando:** Certo, pra fechar aqui, só para entender também como que aconteceu, o senhor se recorda, havia indigenistas e professores que atuavam na área dos Waimir-Atroari, né, na época lá na década de 80, é, nesta época o senhor atuou em parte também com os Waimiri-Atroari, não foi isso?

**Sebastião Amâncio:** O senhor fala de que?

**Dr. Fernando:** Do CIMI, não é, do Egydio Schwade e esposa, enfim

---

Posteriormente, no entanto, mudanças impostas pelos dois choques do petróleo, em 1973 e 1979, abalaram a indústria estanífera. O efeito inicial foi o aumento artificial do preço do metal elevando a rentabilidade dos produtores, conseqüentemente fortalecendo o cartel. Esta situação intensificou um processo de redução do consumo por parte dos países europeus e dos EUA, por meio da substituição por outros materiais e da introdução de novas tecnologias que visavam a reduzir o consumo do metal no seu principal uso, o revestimento de folha-de-flandres na indústria siderúrgica.

Em um segundo momento, o aumento dos preços no mercado internacional atraiu produtores, dada a rentabilidade oferecida pelos preços excepcionais alcançados, sobretudo, após o segundo choque. Como estes produtores, antes periféricos ou inexistentes, não integravam o International Tin Council [ITC], os países membros tiveram dificuldades para manter o cartel no comando das quantidades comercializadas no mercado internacional, levando a associação à bancarrota completa em 24 de outubro de 1985. A produção brasileira se avolumou exatamente neste contexto. Os incentivos à indústria local antecederam ao primeiro choque do petróleo, no entanto, foi na segunda metade da década de 1970, período entrechoques, que a indústria ganhou incentivos mais consistentes dentro do II Plano Nacional de Desenvolvimento [PND], tomando impulso e destaque.

A produção de estanho no Brasil cresceu ininterruptamente até o final da década de 1980, alcançando, no triênio 1988-1990, a liderança mundial na produção. Nesse processo destacou-se também a crescente participação da Paranapanema, firmando-se como a principal indústria do setor no país, concentrando a produção e a comercialização internacional. [...]

**Sebastião Amâncio:** O Egydio se instalou sim [...]

**Dr. Fernando:** Nesta época que eles saíram de lá <sup>(21)</sup> o senhor tinha um cargo que atuou que atuava com os Waimiri, não é isso?

**Sebastião Amâncio:** Eu tinha o quê?

**Dr. Fernando:** O senhor atuou com os Waimiri nessa época em que os indigenistas e professores saíram de lá da área, não foi isso?

**Sebastião Amâncio:** Professores?

**Dr. Fernando:** O Egydio, a esposa e os demais.

**Sebastião Amâncio:** Foi o Egydio eu estava lá quando ele entrou e quando saiu. O senhor Rios era um linguista inglês que tinha a permissão da FUNAI para estudar o dialeto. Durante algum tempo o Egydio ficou morando na casa que ele ocupava e posteriormente saiu.



**O Liberal, nº 22.237**  
**Belém, PA – Quarta-Feira, 08.03.1989**



**A Ponta de um Iceberg no Trópico Úmido da Amazônia**



[...] Os 310 Waimiri e Atroari, que vivem à beira da BR-174, hoje estão afastados da mesma cerca de 50 km, têm sua reserva de 2.400.000 ha demarcados pela Eletronorte, convênio de 25 anos de integral assistência e navegam pelo Pitinga em barcos de alumínio com motor de popa de 35 HP.

E para demonstrar sua satisfação pela forma com que agora são tratados pela Eletronorte expulsaram de sua aldeia os Sr. e Sra. Emídio Schwade do CIMI, que por eles nada fizeram. [...] (O Liberal, nº 22.237)

**Dr. Fernando:** O senhor acompanhou esse processo de saída deles da área, do Egydio, da esposa, o senhor estava acompanhando isso, estava atuando...?

**Sebastião Amâncio:** Estava, era na minha gestão

**Dr. Fernando:** Certo, a saída deles foi a partir de uma determinação da própria FUNAI, não é isso?

**Sebastião Amâncio:** Foi.

**Dr. Fernando:** Certo, o que que aconteceu, só para eu entender?

**Sebastião Amâncio:** Havia uma espécie de insuflação do senhor Egidio para que os índios agissem contra o pessoal da FUNAI. Insuflava para que fizessem massacre, e ele foi convidado a sair, pois foi realizada uma sindicância e se comprovou que era real essa atitude dele e daí para evitar maiores males ele foi convidado a se retirar.

**Dr. Fernando:** Certo, o senhor era Superintendente da FUNAI no Amazonas nessa época, não é isso?

**Sebastião Amâncio:** eu não sei se eu já era Superintendente, mas se não era Superintendente era Delegado.

**Dr. Fernando:** Sim, sim, aí tem uns relatórios aqui do linguista [...] enviado pela FUNAI e também da Zoraide Goulart <sup>(22)</sup> programadora educacional da FUNAI que eram pela continuidade da atuação deste processo de alfabetização na língua do povo Kinja, não é? Eu queria

---

<sup>22</sup> Superintendente Regional da FUNAI, professora Zoraide Goulart dos Santos. (Hiram Reis)



entender porque estes relatórios não foram acatados, porque eles foram retirados mesmo tendo esses relatórios pela permanência?

**Sebastião Amâncio:** Zoraide e quem mais o senhor citou?

**Dr. Fernando:** O linguista [...]

**Sebastião Amâncio:** Esse [...] eu não conheço, mas a Zoraide eu conheci.

**Dr. Fernando:** Então, havia esses relatórios enviados para a FUNAI, que o senhor era Superintendente, coordenador da FUNAI no local pela permanência deles lá na atuação, eu queria entender porque mesmo com esses relatórios eles foram retirados.

**Sebastião Amâncio:** O Egidio não era professor dos indígenas não, eles estudavam o dialeto dos índios. A Zoraide sim era professora, mas atuava na sede de Manaus, ela não tinha disposição para morar numa área indígena.

**Dr. Fernando:** Desculpa eu acho que não me fiz entender, havia relatórios do linguista [...] e da própria Zoraide Goulart, ambos da FUNAI [...]

**Sebastião Amâncio:** Desconheço estes relatórios, a Zoraide pediu transferência e voltou para o Sudeste de onde ela era natural.

**Dr. Fernando:** Tá, é porque foi a determinação do senhor, da FUNAI, né, para a saída deles da área, né? Eu pergunto isso porque eles acompanharam depois [...]

**Sebastião Amâncio:** Do Egidio fui eu, pelas razões que citei.

**Dr. Fernando:** Tá certo, aí tem uma parte de seu depoimento que o senhor fala que a velocidade dos trabalhos da abertura da estrada tinha relação com a exploração do minério dado o caráter estratégico, né, a empresa Parapanema também atuou com velocidade porque tinha interesse em colocar os funcionários, o mercado e o hospital. Isso aconteceu desta maneira mesmo que o senhor informou, é isso?

**Sebastião Amâncio:** [...] a que eu me referi anteriormente eram políticos do Estado do Amazonas e Roraima para a aceleração do progresso. O Estado de Roraima tinha deixado de ser Território há pouco tempo [...] e a pressa era dos Estados para a utilização da estrada não era para o pessoal do minério, eles tinham a estrada particular deles dentro da mina. Para o escoamento para Manaus eles precisavam da BR-174. Não foi em razão deles que houve a pressão.

**Dr. Fernando:** Certo, mas só para entender o senhor deu depoimento no Ministério Público Federal, não deu?

**Sebastião Amâncio:** Não me recordo.

**Dr. Fernando:** Isso foi recente há dois ou três anos atrás, algo assim. [...]

**Sebastião Amâncio:** Não me recordo.

**Dr. Fernando:** Ok, tá joia então, obrigado seu Sebastião, obrigado excelência.

**Juíza Raffaella:** Obrigada.

**Sebastião Amâncio:** Estou à disposição.

**Juíza Raffaella:** Seu Sebastião vou pedir para o senhor aguardar só um minuto para verificar se os outros doutores e doutoras que estão aqui desejam fazer algumas perguntas para ao senhor, tá, só mais um minuto. [...] Dr. Harilson o senhor teria alguma pergunta para o senhor Sebastião? [...]

**Dr. Harilson:** Apesar do senhor, na sua fala, ter dito que não conseguia distinguir se era o Batalhão de Construção ou se era o BIS que adentrava na terra indígena, o senhor se recorda que tipo de equipamento o Exército Brasileiro utilizava nestas incursões dentro da terra indígena.

**Sebastião Amâncio:** Eram aqueles caminhões que raspam a rodovia para fazer aterros, corte de barrancos, eles raspam com a máquina que enche a carroceria e soltam no aterro que irão fazer, tratores D-12, caminhões que eram mecânicos com tambores de óleo que faziam a revisão diária à tarde de todo o maquinário [...] aviões eles não tinham, nem mesmo helicópteros. Nós usávamos muito daqueles helicópteros que atuaram no Vietnã <sup>(23)</sup> que o Brasil acabou recebendo por doação do governo americano ou negociação, não sei, era o UH-1H. Nós usamos muito [...], mas o Exército quando trabalhou lá não usava nem mesmos estes que eram mais resistente e pousavam mesmo em lugares inadequados. Se fossem aeronaves teria de ser helicópteros, porque não tinha pistas. Não me lembro de aviões nem de helicópteros.

---

<sup>23</sup> UH-1H – entrou em serviço na FAB em 1967 e deu baixa em 22 de outubro de 2018, na Base Aérea de Campo Grande, MS. ([www2.fab.mil.br](http://www2.fab.mil.br))

**Dr. Harilson:** E além desses equipamentos, tratores, caminhões, o senhor presenciou a entrada de algum material bélico, armamentos [...]

**Sebastião Amâncio:** Não, não tinha nenhum, nenhum material bélico.

**Dr. Harilson:** Perfeito, excelência, satisfeito.

**Sebastião Amâncio:** E também, voltando atrás da alegação dos colegas que os índios sempre estavam hostis, nenhum pessoal do Exército entrava na área com fuzis ou armamento típico do Exército. Não existiam armas longas, não tinham as vezes alguns oficiais tinham essa Colt.45, mas armamento ou fuzis não tinham. [...]

**Juíza Raffaella:** Obrigada seu Sebastião, Dr. Harilson o senhor tem mais alguma pergunta?

**Dr. Harilson:** Não excelência, satisfeito.

**Juíza Raffaella:** Obrigada Dr. Harilson. Dr. André teria alguma pergunta para o senhor Sebastião?

**Dr. André:** Excelência eu conversando aqui com a Dr<sup>a</sup> Laís ela vai fazer primeiro as perguntas e eventualmente eu complemento se a senhora me permitir.

**Juíza Raffaella:** Claro, com certeza. Por favor Dr<sup>a</sup> Laís<sup>(24)</sup>

**Dr<sup>a</sup> Laís:** Boa tarde a todos, tudo bem senhor Sebastião, sou a Laís representando a União aqui na audiência e vou fazer algumas perguntas para o senhor, está bem?

**Sebastião Amâncio:** Pois não Dr<sup>a</sup> Laís

---

<sup>24</sup> Dr<sup>a</sup> Laís de Araújo Primo. (Hiram Reis)

**Drª Laís:** O senhor falou que trabalhou na época, né. Eu queria que o senhor descrevesse um pouco como era o contato do senhor com o povo Waimiri-Atroari, o senhor frequentava as aldeias, como era a relação do senhor com o povo indígena.

**Sebastião Amâncio:** Era de muita [...] familiar, porque eu gostava muito de ir lá, nos fins de semana ia com minha esposa e filhos menores, crianças, os índios gostavam muito deles e eles também gostavam dos índios então eu ia nos fins de semana e passava dois ou três dias junto com os índios.

**Drª Laís:** E a partir de que ano o senhor passou a ter um contato mais próximo?

**Sebastião Amâncio:** Durante toda a vida.

**Drª Laís:** A partir de que ano mais ou menos assim o senhor se recorda?

**Sebastião Amâncio:** Eu cheguei ao Amazonas em 1974 e a partir daí trabalhei com os índios e convivi na maloca com eles tanto com os Yanomâmi como os demais indígenas aqui da Amazônia.

**Drª Laís:** E até que ano, mais ou menos, este contato permaneceu próximo?

**Sebastião Amâncio:** Bom, próximo até hoje é, a amizade com os índios, principalmente com os líderes no caso eu apontaria o Mário e o Viana que são meus amigos pessoais. O ano foi até quando eu me aposentei da FUNAI que foi em 1982.

**Drª Laís:** E o senhor notou alguma diferença na quantidade de indígenas se tinha mais, se tinha menos, desde o contato inicial até os dias atuais?

**Sebastião Amâncio:** Isso é um fato muito interessante, porque a expansão demográfica foi surpreendente eles aumentaram em número assombroso, um número bem elevado. Foi um fato que chama a atenção e o pessoal que trabalha lá tem muito orgulho disso, porque a expansão demográfica foi muito grande.

**Drª Laís:** E a partir da experiência do senhor, do contato, o senhor acha que é possível realizar um senso exato da quantidade de indígenas, eles ficavam em locais visíveis, é possível realizar esta contagem específica?

**Sebastião Amâncio:** É sim doutora, e inclusive com a abertura da hidrelétrica de Balbina a FUNAI fez um convênio com a Eletronorte e eles montaram aqui em Manaus um centro de apoio Waimiri-Atroari, que está ali ao lado da Delegacia da Mulher, no Parque 10, chamado Eletronorte – Programa Waimiri-Atroari. Ali é a sede e eles têm o censo exato mantido atualizado por faixa etária. Se a senhora consultar, ou solicitar, que eles informam.

**Drª Laís:** Mas isso é nos dias atuais, né, na época também tinha tecnologia.

**Sebastião Amâncio:** Não, nos dias atuais.

**Drª Laís:** Lá em 1974, mais ou menos, tinha essa...

**Sebastião Amâncio:** Tinha um levantamento de um número aproximado, por constantes contatos, mas não era uma coisa feita científica, hoje em dia sim se tem cientificamente a população, inclusive por faixa etária.

**Drª Laís:** É, o senhor pode descrever como era assim o trato dos trabalhadores, do Exército com os indígenas e se tinha uma orientação sobre como se devia tratá-los, como se devia dirigir aos indígenas?

**Sebastião Amâncio:** É, a FUNAI acompanhava as frentes de trabalho e em geral ao final de cada trecho concluído, se fazia o estacionamento final dos trabalhos e se montava o acampamento do trecho final concluído, e eram acampamentos grandes porque a população trabalhadora das empreiteiras e do Exército era muito grande, então a FUNAI mantinha uma equipe justamente junto com os índios para que se impedisse este contato, porque por ocasião do almoço ou do jantar sobrava muita comida e os índios... E a FUNAI tinha preocupação de impedir o acesso de crianças e mulheres de ter acesso à comida dos soldados e a gente impedia isso porque esse Programa Waimiri-Atroari tinha inclusive a competência de abastecer as populações com alimento embora eles fossem peritos caçadores e pescadores e não precisavam disso não, mas o Programa Waimiri-Atroari tinha essa incumbência. Este Programa estava por lá, um convênio com a Eletronorte e quando era necessário a população era abastecida, até hoje. Então o pessoal da FUNAI orientava, em reuniões, o Exército para impedir que fossem repassadas estas sobras principalmente para a população indígena porque senão os viciaria e apareceriam multidões todos os dias. Então as palestras havidas todas à tarde e à noite era pedir que não permitissem a aproximação de grupos numerosos que passariam a visitá-los e seria mal para os índios que tinham pouca resistência às doenças. Então havia sim um trabalho bem de perto para que não houvesse esses contatos.

**Dr<sup>a</sup> Laís:** Certo, o Exército, então, ele se aproximava de maneira autônoma, sem acompanhamento da FUNAI, dos indígenas, ele ingressava nas aldeias o Exército e os trabalhadores locais?

**Sebastião Amâncio:** Não, o Exército não entrava, eles iam fazendo a picada e depois a terraplanagem, concluída a terraplanagem eles acampavam nas barracas deles à margem da estrada, mas os acampamentos eram grandes por causa dos maquinários mecânicos e acampamento de cozinha <sup>(25)</sup>. O número de pessoas era grande e eles acampavam ao final de cada dia.

**Dr<sup>a</sup> Laís:** Certo, então o Exército, em geral, ele permanecia naquele espaço da obra. Existia alguma situação que ele tinha de sair daquele espaço necessário, né...?

**Sebastião Amâncio:** Chegavam tarde, de tardezinha, 16h00, 17h00 ou 18h00, paravam todo o trabalho e acampavam ali e no dia seguinte se deslocavam dali à frente para o próximo acampamento, do próximo trecho trabalhado. Eles só saíam do acampamento para fazer o acampamento seguinte. Não iam para lugar algum, só no trecho da picada onde faziam a terraplanagem. O mesmo acontecia com os trabalhadores das empresas contratadas, sublocadas. Para a senhora entender, o Exército tinha um trecho, toda a BR-174, mas ele sublocou para empresas particulares de terraplanagem nacionais que também eram a rigor impedidos de cometer erros junto aos índios. Por exemplo, no Exército existe o comando, as ordens e a obediência e com as companhias civis era um pouco mais complicado, mas o pessoal da FUNAI trabalhava com rigor.

---

<sup>25</sup> Rancho. (Hiram Reis)



**Drª Laís:** Entendi, na época existia algum registro onde eram registradas as ocorrências, fatos ou eventuais coisas que porventura tenham acontecido durante a ocasião do trabalho?

**Sebastião Amâncio:** Não, não tinha porque a FUNAI estava junto com eles no acampamento, eu, por exemplo, trabalhava na frente precursora do início à conclusão por um bom período e não acontecia nada disso não.

**Drª Laís:** Certo, mas não existia algum registro assim na eventualidade de acontecer, não existia nada que deixasse nada registrado?

**Sebastião Amâncio:** Não houve nenhum registro, porque se houvesse teria sido registrado, porque a FUNAI tinha obrigação relatórios semanais e nós fazíamos. Qualquer coisa que acontecesse o registro teria sido feito. Não houveram

**Drª Laís:** Certo, a minha pergunta objetiva é perguntar se havia algum hábito de registrar a eventualidade de acontecer. O senhor disse que existe, mas que não houve nenhum registro, nenhuma ocorrência?

**Sebastião Amâncio:** Tinha um pessoal encarregado disso, mas não foi necessário fazer nenhum registro.

**Drª Laís:** E existe a possibilidade de ter acontecido alguma coisa e não ter havido este registro?

**Sebastião Amâncio:** Não, porque todo mundo estava ali junto, o pessoal do Exército, das empreiteiras e se houvesse teria sido narrado porque sabiam que esse era o procedimento.

**Drª Laís:** Certo, o senhor se lembra se houve algum deslocamento forçado dos indígenas do território, das aldeias onde eles estavam pra haver essa construção da estrada?

**Sebastião Amâncio:** Houve sim, mas por ocasião do alagamento feito pela hidrelétrica porque eles têm os locais de cemitério que são locais religiosos deles e foi preciso ali fazer um empenho ali junto porque tudo foi alagado. A estrada foi alagada em trechos longos e com a alagação a água ficou acima da ponte. Então foi preciso, Postos da FUNAI, suas estruturas físicas foram alagadas e os índios foram solicitados a abandonar porque eles não teriam condições de sobreviver ali. Mas isso foi o caso da Balbina.

**Drª Laís:** Certo, e o senhor tem conhecimento assim dos hábitos dos indígenas, eles costumavam estabelecer aldeias fixas ou eles mudavam de local a partir de um tempo, das condições de...

**Sebastião Amâncio:** O sistema cultural é similar ao enxame de abelha, eles ficam no local enquanto a caça e a pesca é farta, mas chega um ponto em que aquilo se exaure e então eles automaticamente partem para uma região distante onde há maior abundância, mas isso por decisão própria e todo mundo sabe que tem de mudar porque ali a sobrevivência está complicadíssima. Isto tudo muito antes da abertura da estrada. Depois da abertura da estrada este Programa Waimiri-Atroari passava a suprir as necessidades, se houvesse, para demorar mais no local. Mas as aldeias da cultura desse povo eles sabiam que tinha de mudar e não podiam ficar no mesmo lugar. Se havia assim uma maior pressão era dos próprios índios junto com suas famílias para que fosse, porque não poderiam ficar.

**Dr<sup>a</sup> Laís:** Certo, e o senhor tem conhecimento que o Exército usava substância química na época como arma.

**Sebastião Amâncio:** O Exército só realizava os trabalhos necessários para a abertura da terraplanagem. O trabalho do Exército foi feito com competência, com lisura e nada há que o desabone.

**Dr<sup>a</sup> Laís:** Tá bem, eu estou satisfeita excelência.

**Sebastião Amâncio:** Foi um prazer.

**Juíza Raffaella:** Obrigada Dr<sup>a</sup> Laís. Dr. André tem alguma pergunta para complementar?

**Dr André:** Sim Excelência, obrigado. Boa tarde senhor Sebastião meu nome é André, também sou advogado da União, trabalho junto com a Dr<sup>a</sup> Laís, minha colega, e eu gostaria de perguntar para o senhor, no caso, o Dr. Fernando mencionou um mateiro chamado Raimundo Pereira da Silva que permaneceu menos de trinta dias na obra, em menos de trinta dias é possível que alguém dizer de fato o que aconteceu lá ou seria um depoimento bastante parcial e questionável?

**Dr. Fernando:** Só um minuto, parece bastante especulativa a questão. Eu gostaria de impugná-la porque é uma questão de opinião sobre o que a outra testemunha teria credibilidade ou não a partir dos dias que teve lá.

**Juíza Raffaella:** Ok Dr. eu vou reformular a questão para o senhor Sebastião. Sr. Sebastião o senhor sabe me dizer quanto tempo seria suficiente para uma pessoa ficar na Frente de Atração para conhecer as rotinas e saber como funciona lá? O Sr. saberia me dizer, mais ou menos quanto tempo seria suficiente para conhecer tudo?

**Sebastião Amâncio:** Olha meritíssima a Frente de Atração e os levantamentos necessários para se iniciar isso são longos e demorados e a pessoa passa a residir ali e conviver com o povo para poder ser aceito e uma das vitórias da frente de atração é ser reconhecido e passar praticamente a ser um membro daquela comunidade quando então lhes informam para que a pessoa conheça a cultura para desenvolver os trabalhos. É longo o prazo

**Juíza Raffaella:** Ok, tá respondido para o senhor Dr. André?

**Dr André:** Perfeito Excelência.

**Juíza Raffaella:** O senhor vai fazer uma outra pergunta Dr. André?

**Dr André:** Não Excelência eu me dou por satisfeito.

**Juíza Raffaella:** Obrigada doutor. Algum dos senhores ou das senhoras, Dr<sup>a</sup> Nívea, Dr. Elder, Dr<sup>a</sup> Karine, gostariam de fazer alguma pergunta.

Pelo DNIT, sem perguntas Excelência.

**Tempo00m00s - 0007**

**Audiência – 1001605-06.2017.4.01.3200 –  
11.02.2022 – 14h00**

**Juíza Raffaella:** [...] Seu Sebastião então só explicando para todos, a gente vai terminar a oitiva do Sr. que a gente começou naquele dia, né, como informante, onde não ficou nítido as últimas perguntas que eu fiz para o Sr.. Então vou só repetir, esse ato é só para repetir as últimas perguntas que eu fiz para o Sr., tá bom? Então na outra oitiva eu estava perguntando para o Sr. sobre se havia aeronaves, né, que o Sr. tinha dito que os índios isolados eles eram identificados por meio de aeronaves e numa outra parte depoimento o Sr. tinha dito que o Exército não tinha aeronaves lá na região dos Waimiri-Atroari, aí eu perguntei para o Sr. assim se tinha aeronaves ou se não tinha aeronaves. Foi nesse ponto que a gente não conseguiu gravar, o Sr. se recorda se tinha ou não tinha aeronaves?

**Sebastião Amâncio:** Sim, posso explicar então?

**Juíza Raffaella:** Claro, por favor.

**Sebastião Amâncio:** O que eu queria dizer é o seguinte, nós tivemos informações que havia ainda grupos não localizados de índios Waimiri-Atroari e isso foi-nos informado por madeireiros que ingressavam naquela região do Rio Camaná. Então eu solicitei apoio da FUNAI, para fazer sobrevoos na área e nós contratamos aeronaves aqui em Manaus, aeronaves com autonomia de quatro horas, porque uma hora era o deslocamento de Manaus até a Área alvo, isso nos dava uma hora para sobrevoar o alvo, então por isso é que eu disse o avião era fretado em Manaus ia até a área sem pousar, só sobrevoava e retornava à Manaus. Não tinha aeronave do Exército na área

**Juíza Raffaella:** Há, muito obrigada seu Sebastião. Aí uma outra pergunta que eu queria fazer para o Sr. é a seguinte seu Sebastião, O Sr. ingressou na FUNAI a partir de que ano mesmo que o Sr. foi o Superintendente no Amazonas?

**Sebastião Amâncio:** a data eu não me recordo bem meritíssima, mas deixa eu pensar um pouco aqui.

**Juíza Raffaella:** Claro.

**Sebastião Amâncio:** Acho que foi na década de 70.

**Juíza Raffaella:** Na década de 70?

**Sebastião Amâncio:** Na década de 70 e 80.

**Juíza Raffaella:** Entendi por aí no final de 70 e início de 80?

**Sebastião Amâncio:** No final de 80 ainda era. Eu era anteriormente Delegado Regional com os mesmos poderes, praticamente, do Superintendente em termos de administração. Mas quando foi criada a figura da Superintendência que nunca tinha havido ainda eu ocupava o cargo de Delegado e fui transportado para essa nova função de Superintendente e isso foi na gestão do Sr. Presidente Romero Jucá. Na época ele não era Senador.

**Juíza Raffaella:** Mas isso já na década do oitenta, né? Essa parte.

**Sebastião Amâncio:** Isso. Então ele era Presidente da FUNAI, porque quando nós ingressamos os trabalhos com os Waimiri-Atroari o Presidente da FUNAI era o General Ismarth a nível de instituição Central. [...] Eu fui indicado

Superintendente porque no início a FUNAI era subordinada, na época, Ao Ministro do Interior.

**Juíza Raffaella:** Entendi.

**Sebastião Amâncio:** Então essa era uma função de confiança delegada pelo Ministro.

**Juíza Raffaella:** Entendi.

**Sebastião Amâncio:** O Ministro me designou e eu era Superintende, na época, designado pelo presidente General Ismarth.

**Juíza Raffaella:** Quando o Sr. chegou lá já tinham construído a BR-174?

**Sebastião Amâncio:** Já estava na fase final, já estavam chegando à Caracarái que era o ponto final deste trecho. Porque existia já a rodovia antiga de Boa Vista a Caracarái. Então uma vez chegando à Caracarái já tinha o trecho seguinte já concluído

**Juíza Raffaella:** Entendi, então o Sr. pegou só a parte final mesmo da construção da BR-174?

**Sebastião Amâncio:** Em relação à área Waimiri-Atroari, sim.

**Juíza Raffaella:** A parte inicial o Sr. não estava presente, né?

**Sebastião Amâncio:** Eu acho que era o Apoena <sup>(26)</sup>.

**Juíza Raffaella:** Está ótimo, de minha parte, seu Sebastião, eram apenas essas as minhas perguntas para

---

<sup>26</sup> Apoena Meireles. (Hiram Reis)

o Sr., e como a gente está refazendo este ato vou perguntar de novo aos aqui presentes se eles teriam alguma outra pergunta para o Sr., está bom? Vou começar pelo Dr. Fernando. Dr. Fernando o Sr. teria mais alguma pergunta para o Sr. Sebastião?

**Dr. Fernando:** Não, não excelência, só registrar mesmo que na audiência passada...

**Sebastião Amâncio:** Se a senhora me permite meritíssima eu quero dar uma sugestão

**Juíza Raffaella:** Claro.

**Sebastião Amâncio:** Eu vejo que a senhora está sempre aí interessada em réplicas e datas e em trechos de estrada eu tenho alguns personagens na FUNAI que eu conheci que podem complementar com facilidade e com segurança estes trechos que ficam em dúvida com relação à senhora de quem participou e como <sup>(27)</sup>. Nós tínhamos ali perto do igarapé Jundiá, onde tem uma comunidade chamada Jundiá, comunidade civil, é um vilarejo tínhamos aí o Sr. Pedro que tinha um posto da FUNAI e nós tínhamos uma Base, logo após a travessia do Rio Alalaú, atravessando pela direita tinha uma base da FUNAI que é muito antiga desde o início dos trabalhos de contato com os índios. Então ali era a nossa base, mas depois com a construção da estrada fizemos duas estações de presença permanente de funcionários da FUNAI, uma era perto do Jundiá, onde ficava o Sr. Manoel Betoneira, o Sr. Manoel pode ser também informante, ele é natural de Benjamin Constant <sup>(28)</sup> e a FUNAI deve saber do paradeiro dele atual, eu não sei, e pouco antes do Jundiá tinha outra

---

<sup>27</sup> Não consegui identificar o termo. (Hiram Reis)

<sup>28</sup> Benjamin Constant: município do Estado do Amazonas, à margem direita do rio Javari, se situa a 18 km a Sudoeste de Tabatinga. (Hiram Reis)



instalação, pela entrada da maloca do Mário, que era o Sr. Pedro, o Paulino que eu acho que é uma das pessoas que não está relacionada para vocês conversarem, parece que eu li isso na inicial, o Paulino deve saber o paradeiro do Sr. Pedro e o sobrenome dele que eu não me recordo. São pessoas que poderiam ajudar muito na pesquisa que a senhora faz.

**Juíza Raffaella:** Tá bom, muito obrigada Sr. Sebastião, muito obrigada.

**Sebastião Amâncio:** Eu vou repetir, então...

**Juíza Raffaella:** Não precisa não porque a gente está gravando. Já está tudo gravado, muito obrigada viu.

**Sebastião Amâncio:** Pois não.

**Juíza Raffaella:** Dr. Fernando, o Sr. ia dizendo...

**Dr. Fernando:** Não tenho nenhuma pergunta a complementar só atualizando o que depois da última vez da irresignação quanto a questão de ouvi-lo como informante, né, que não teria razões desta oitiva sem a Comissão da Verdade e considerando também que ouve algumas divergências com outros relatos, outros testemunhos só para deixar <sup>(29)</sup> .

**Juíza Raffaella:** Obrigado Dr. Fernando. Dr. Harilson teria alguma pergunta complementar para o Sr. Sebastião?

**Dr. Harilson:** Não Excelência.

**Juíza Raffaella:** Muito obrigada, Dr<sup>a</sup> Nívea, Dr<sup>a</sup> Laís, as Senhoras teriam perguntas para complementar? [...] Dr.

---

<sup>29</sup> Não consegui identificar o termo. (Hiram Reis)

Elder <sup>(30)</sup> pela FUNAI, Dr. Flávio <sup>(31)</sup>, os senhores teriam? [...]

**Juíza:** Eu agradeço a presença de todos, este ato era uma audiência mais simples só para finalizar a parte que não tinha ficado com registro audível, não é? Nós estamos aguardando agora a prova pericial como já havia falado na outra audiência e então vamos proceder ao encerramento do ato da oitiva do Sr. Sebastião. Sr. Sebastião, muito obrigada pela oitiva do senhor, obrigada pela presença do senhor aqui, agradeço à sua filha também que nos ajudou a que o senhor ficasse aqui conosco hoje com a parte tecnológica, muito obrigada viu?

**Sebastião Amâncio:** Meritíssima eu sei que esse levantamento é complexo e infelizmente as pessoas que eram chaves para apresentar informações melhores que as que já dei são falecidos, infelizmente é isso, mas se a senhora tiver alguma outra dúvida que eu possa colaborar eu estou à disposição, disponha à vontade.

**Juíza:** Muitíssimo obrigada Sr. Sebastião e tenha uma boa tarde. Agradeço à todos e à Adrya <sup>(32)</sup> também, muito obrigada Adrya. Vou encerrar o ato obrigada.

**Sebastião Amâncio:** Foi um prazer conhecê-los. [...]

---

<sup>30</sup> Dr. Elder Novais Logrado. (Hiram Reis)

<sup>31</sup> Dr. Flávio Macedo Ferreira. (Hiram Reis)

<sup>32</sup> Adrya Karine Rocha Prates. (Hiram Reis)